

# O prazer etimológico em Sigmund Freud

## *The etymological pleasure in Sigmund Freud*

---

Lenilson Ferreira\*

**Resumo:** O artigo apresenta a etimologia como uma ferramenta que amplia e aprofunda a análise do discurso do paciente, a partir da compreensão de significados que surgem na pesquisa etimológica diacrônica. Parte da utilização da etimologia na obra de Sigmund Freud, apresenta a análise etimológica como uma contribuição à psicanálise e é ilustrado com exemplos de casos clínicos.

**Palavras-Chave:** Psicanálise, etimologia, linguística.

**Abstract:** *The article presents etymology as a tool that can be used in psychoanalysis in order to broaden and deepen the analysis of the patient's speech, through the understanding of meanings that emerge from the diachronic etymological research. It kicks off from the use of etymology in the work of Sigmund Freud, shows the etymological analysis as a contribution to psychoanalysis and is illustrated with examples of clinical cases.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, etymology, linguistics.*

---

\* Psicanalista, associado ao fórum/CPRJ, mestre em Educação pelo Instituto Superior de Estudos Pedagógicos (ISEP/RJ), coordenador pedagógico dos Cursos de Graduação Tecnológica e de Pós-Graduações lato sensu (campus Centro/Universidade Cândido Mendes), prof. da Universidade Cândido Mendes.

Palavras são, na realidade, uma máscara. Raramente expressam o significado verdadeiro. Na verdade, tendem a escondê-lo.

*Herman Hesse*

Em uma carta a Wilhelm Fliess, Sigmund Freud refere-se ao *prazer etimológico* que o amigo lhe proporciona. Trata-se da carta de número 60, datada de 28 de abril de 1897, na qual Freud faz a análise de um sonho em que seu amigo aparece. Este sonho está sucintamente descrito no Volume I de *A Interpretação dos sonhos*. Nele, Freud recebe um telegrama com o endereço impresso em azul e, ao descrevê-lo, afirma que a segunda palavra do endereço (*Secerno*) o fazia lembrar das discussões que tivera com Fliess a respeito da “questão da etimologia”.

Freud afirma que a palavra *Secerno* “também expressava minha raiva dele por ter mantido seu endereço em *segredo* para mim por tanto tempo” (FREUD, 1900, p. 304). A palavra *secerno* é o equivalente italiano para *segredo*. A relação entre a palavra surgida no sonho (conteúdo manifesto) e o significado do conteúdo latente que ela encerra é óbvia e simples de identificar neste pensamento onírico. Entretanto, é sabido que as manifestações do inconsciente nem sempre podem ser desveladas através de uma análise tão simples como no exemplo da interpretação deste sonho. A simples tradução do vocábulo foi suficiente para desvelar de imediato seu simbolismo no sonho. A etimologia, em casos que envolvam vocábulos envoltos em um simbolismo mais complexo, funciona como uma ferramenta para o aprofundamento e a expansão da análise, como atestamos em nossa pesquisa.

O caso do Senhor C., um analisando que utiliza, recorrentemente, em sua análise o vocábulo *assertivo*, é um exemplo emblemático da utilidade da etimologia para a psicanálise. Este paciente utiliza a palavra no contexto de um autêntico ato falho, o que fica evidenciado quando a continuação de sua análise conduz precisamente àquilo que é claramente expresso por uma antiga acepção da palavra. Esta acepção não é regularmente empregada pelos falantes contemporâneos da língua e subsiste quase que tão somente nos dicionários etimológicos. Considerando-se apenas o significado atualmente corriqueiro da palavra, a mensagem do analisando parece ser bastante linear, clara e limitada. Entretanto, analisando-se a significação do vocábulo, do ponto de vista da diacronia etimológica, conclui-se que o analisando emprega a palavra expressando aquele significado antigo e inteiramente diferente de sua acepção atual. A análise do caso mostrará que o paciente escolheu a palavra por seu significado atual, mas a descoberta de significados arcaicos desta mesma pala-

vra mostra-se elucidadora dos seus sofrimentos psíquicos. Em síntese, o que ele diz nas entrelinhas de seu discurso é diferente do que pensa expressar e a etimologia conduz à significação subreptícia. O paciente expressa conscientemente uma mensagem, mas a mensagem que ele próprio desconhece, porquanto inconsciente, está expressa na verdade etimológica pregressa do vocábulo, como veremos a seguir no estudo de caso apresentado.

A etimologia pontua toda a obra de Freud, quer como busca de significados mais profundos de uma palavra, quer como o enigmático *prazer etimológico* ao qual ele, infelizmente, se refere apenas uma única vez, em seus escritos arrolados na Edição Standard Brasileira. A Etimologia, portanto, é uma das ferramentas de que Freud se utiliza na construção da psicanálise. Na realidade, é surpreendente que para alguém que tenha se declarado um *arqueólogo consciencioso*, a etimologia não tenha sido mais explorada em seus textos, uma vez que ela opera precisamente no universo de uma autêntica arqueologia diacrônica dos significados de um vocábulo. Talvez isto possa ser explicado pelo fato de que a tradição de estudos linguísticos científicos só se tenha solidificado após o início do século XX. Isto, por si só, seria um considerável obstáculo à permanente aspiração de Freud em pautar suas pesquisas por parâmetros científicos.

A etimologia já foi considerada como o próprio sinônimo de *conhecimento*. Conhecer algo significava conhecer sua origem, um elemento *sine qua non* em psicanálise. Uma obra enciclopédica estruturada em XX volumes e que pretendeu ser a síntese de todo conhecimento humano elaborado até então recebeu na Antiguidade o título de *Etimologias (Etymologiarum sive Originum Libri XX)*, considerada a primeira enciclopédia da História ocidental. Seu autor foi Santo Isidoro de Sevilha (c.560-636AD) que, por ter sido o compilador da primeira base de dados do Ocidente, é hoje considerado o padroeiro da Internet. “A etimologia é a origem dos vocábulos, cuja força (de significação), quer em nomes, quer em palavra é desvendada pela interpretação,” afirma o bispo da igreja católica.

A história da etimologia é classificada em três fases distintas, as quais englobam o Período Antigo ou Clássico, o Período Medieval e o Período Moderno. Ela nasce e se desenvolve na Grécia Clássica, o que pode ser entendido como mais uma razão para Freud ter voltado sua atenção a ela, como dedicado estudioso desta civilização. O primeiro período se caracterizou por uma etimologia onomástica, a busca pela origem dos nomes. Imperava, então, a máxima *nomen est omen*. O segundo período histórico foi centrado em buscar a essência do conhecimento no entendimento do significado das palavras e foi

um período de forte especulação etimológica, frequentemente baseada apenas na intuição do pesquisador. A gramática comparativa, oriunda de estudos linguísticos, dá origem ao terceiro período da história da etimologia, quando o estudo em retrospectiva da origem da palavra se dá a partir de textos. A prova documental deixa pouca ou nenhuma margem para a especulação do pesquisador nesta fase.

Pode-se afirmar, com certeza, que a etimologia foi tema dos debates epistolares entre Freud e Fliess, pois o próprio Freud afirma, na mesma carta 60, que um nome italiano surgido no sonho em questão “me fez lembrar as discussões que eu tivera com meu amigo sobre a questão da Etimologia” (FREUD, 1900, p. 304).

O psicanalista e psiquiatra David Zimerman, autor que utiliza em abundância a etimologia em seus escritos, afirma que ela é muito mais do que o mero exercício da busca do significado primeiro ou mais antigo de uma palavra. Ao analisar etimologicamente a palavra *conhecimento*, o psicanalista gaúcho fornece um interessante exemplo da contribuição que a etimologia pode dar à psicanálise:

Admitindo-se que a etimologia, muito mais do que um exercício curioso da formação das palavras, representa, de certa maneira, a sabedoria de um inconsciente coletivo, pode-se dizer que essa etimologia de ‘conhecer’ alude a uma curiosidade primitiva relativa ao mistério do nascimento e da relação entre os pais de cada um. Esse exemplo pode, portanto, ser considerado uma universal ‘preconcepção’ edípica, e, nesse caso, a etimologia tem a mesma função que a das narrativas dos mitos (ZIMERMAN, 2004, p. 160).

Zimerman apresenta a etimologia de *conhecimento* como oriunda do étimo latino *cognoscere*, que nada mais é do que uma composição tripartite: *co* (junto com) + *g* (raiz do verbo *gignomai* [gerar, nascer]) + *noscere* [entender]. A raiz profunda e perdida na poeira do tempo está no radical *g* do verbo *gignomai*. Este radical dará origem a *ge* [terra], a *gei* [genética] e a *gig* [ter relações sexuais]. Como prova dessas evidências etimológicas, apresenta o fato de o texto bíblico afirmar algumas vezes de “fulano conheceu beltrano” para referir-se *ao ato ter relações sexuais*. “E José, despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher; E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus” (Mateus 1: 24/25).

Zimerman também crê que a abordagem etimológica adequa-se “como uma luva numa das acepções do vínculo de reconhecimento, isto é, a capacidade de reconhecer a si próprio, no sentido de voltar a (re) conhecer aquilo que já estava inscrito em sua mente passada, mas se refugiou nos porões do inconsciente por repressões e outros mecanismos defensores do ego de negação de tudo que era desagradável” (FERREIRA, 2010, p. 10-11)

A pergunta que se impõe é de que forma a etimologia pode ser considerada como uma ferramenta psicanalítica? Entendemos que o próprio Freud já respondeu a esta pergunta, quando a utiliza em suas interpretações do discurso de seus pacientes, inclusive o discurso onírico. Isto nos leva a concluir que ela, a etimologia, pode ser mais um suporte para a compreensão da linguagem simbólica expressa em sintomas oriundos do psiquismo. Nunca é demais lembrarmos que psicanálise e etimologia têm um fim em comum: a busca pela verdade. Para os gregos clássicos, *etymos* expressava um dos conceitos de verdade. O *logos* expressava a palavra, a fala ou o discurso. Donde se vê que a etimologia é a *palavra da verdade*. Entre os Gregos Clássicos, a etimologia representava a verdadeira significação. Quanto à psicanálise, são emblemáticas as palavras da psicanalista Regina Herzog que afirma que “não se trata de uma busca voltada para a verdade, mas de procurar interrogar no que causa o sujeito a sua verdade” (HERZOG, 2011, p. 21). Temos, então, uma correlação direta entre psicanálise e etimologia no âmbito da *verdade*.

Quando remonta ao passado em busca de explicações para fatos presentes, a etimologia trilha o mesmo caminho da psicanálise e quase poderíamos dizer que as palavras, como os neuróticos, sofrem de reminiscências. A etimologia, como as neuroses, conduz ao significado que a palavra teve em sua origem, o que equivale a dizer em sua raiz. Freud chama este estado de *sentido primitivo*. Em *Caráter e erotismo anal* (1908) estabelece uma relação entre neurose e sentido primitivo de palavras. Ele parte do conceito de ‘formas arcaicas de pensamento’, as quais existiram nas antigas civilizações e ainda persistem nos mitos, nos contos de fadas e superstições, no pensamento inconsciente, nos sonhos e nas neuroses. O elemento analisado nesta passagem do texto é o dinheiro, “intimamente relacionado com a sujeira”. A neurose, segundo Freud, tem de fazer uma viagem em retrospectiva em direção àquilo que ele chama de significado primitivo:

Assim, aqui como em outras ocasiões, a neurose, acompanhando os usos da linguagem, toma as palavras no seu sentido original e significativo; parecendo utilizá-las em sentido figurado,

está na realidade devolvendo a elas seu sentido primitivo (FREUD, 1908, p. 180).

A neurose, como vemos, refugia-se no passado e devolve às palavras seu sentido primitivo. O ato falho do neurótico pode liberar em seu discurso este sentido primitivo, o qual pode ser identificado através da etimologia. Ora, o *primitivus* é precisamente aquilo que veio primeiro, é o primeiro ou o mais antigo de sua espécie. Este sentido primitivo é precisamente o primeiro sentido de uma palavra, ou o mais antigo de que se tem notícia, o qual pode, em tese, ser resgatado através da análise etimológica, considerando-se sempre as limitações atuais da pesquisa etimológica científica. A operação etimológica em retrospectiva feita pelo aparelho psíquico do paciente, na condição neurótica, pode ser efetuada pelo psicanalista através de pesquisa especializada em obras etimológicas ou mesmo em simples dicionários que contenham algum substrato etimológico. O analisando faz esta retrospectiva através da carga cultural do inconsciente coletivo que permeia seu inconsciente.

Um obstáculo para a utilização eficaz da etimologia em ambiente psicanalítico é que não dispomos até o momento de uma teoria geral que açambarque psicanálise e etimologia; uma realidade que Luiz Hanns constata em seu *Dicionário comentado do alemão de Freud*, trabalho que apresenta uma análise etimológica para cada um dos verbetes apresentados:

Apesar do eventual sentido psicanalítico das conexões etimológicas entre 'desejar', 'precisar', 'ter prazer', 'ter esperanças' e 'loucura', ele não é óbvio para os falantes do alemão atual. Assim, quaisquer reflexões psicanalíticas a partir de tais conexões não poderiam basear-se no alemão, mas *teriam de calçar-se numa teoria psicanalítica da linguagem que relacionasse semântica, etimologia e psicanálise* (HANNS, 1976, p. 39, grifo nosso).

A etimologia, como se vê, é um apoio ao psicanalista em sua hermenêutica. Este apoio não se dá ao acaso, pois a origem do nome do deus grego Hermes é precisamente *herma* que, em grego, significa *apoio*. Este deus tinha sua imagem colocada em encruzilhadas, pois era o protetor dos viajantes e um guardião dos caminhos. Desnecessário lembrarmos aqui a íntima relação com a psicanálise, uma jornada pontilhada de muitas encruzilhadas...

O psicanalista tem a sua disposição a etimologia tal como um microscópio que o auxiliará a observar mais profundamente o discurso do analisando.

Ela é uma bússola que o guiará em direção à concepção primordial, aos primórdios da criação de uma lenda ou de um mito através da identificação de uma verdade conceitual que se perpetuou através da História de sucessivas gerações. Nas palavras da Dra. Nise da Silveira:

O inconsciente coletivo funciona, na interpretação psicológica, como o denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender, no momento atual da ciência, sem sua postulação. Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são imensoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade (SILVEIRA, 1994, p. 79).

A etimologia é uma possibilidade interpretativa para que cheguemos ao ‘lastro psíquico’ de que fala a Dra. Nise da Silveira neste mesmo texto: “Seria então possível que cada indivíduo trouxesse consigo um lastro psíquico onde estivessem gravados vestígios da história da humanidade em marcas indelévels?” (SILVEIRA, 1994, p. 78). Como todo trabalho etimológico é, em última análise, um trabalho arqueológico, ele tem potencial para conduzir a estes *vestígios da história da humanidade*, além de poder evidenciar vestígios da história do paciente. Cada porção vocabular significativa transforma-se em um autêntico fóssil, cujo estudo revelará ideias e significados perdidos ao longo do tempo ou nos meandros do inconsciente, seja coletivo ou individual.

Precaução é recomendável na utilização da etimologia, pois ela costuma produzir crenças e, a partir destas, consolidam-se valores que se disseminam entre determinados grupos de sujeitos. Não é incomum que concepções etimológicas incorretas sejam utilizadas para camuflar elementos axiológicos de uma pessoa ou de grupos de pessoas. Um exemplo comumente encontrado no meio acadêmico é o de que a análise etimológica da palavra *aluno* deve ser interpretada como produto dos elementos *a*, que significaria *negação*, e *lumnus*, que significaria *luz*. Esta interpretação é absurda e não tem respaldo em nenhum trabalho etimológico de alto nível que conheçamos. A correta análise etimológica da palavra nos leva a concluir que *aluno* provém do latim *alumno*, “declinação de *alumnus*, primitivamente designando criança dada para criar” (SILVA, 2004, p. 40). Embora a primeira interpretação seja incorreta e encarne aquilo que se convencionou chamar de *etimologia criativa*, ela funciona como um excelente indicador valorativo das reais intenções (inconscientes?) daque-

les que interpretam o vocábulo desta forma. A interpretação incorreta do vocábulo *aluno* é comumente encontrada entre alunos e até mesmo entre professores de instituições de ensino superior, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Quando se chega à raiz de uma palavra, chega-se à verdade desta palavra, entendendo-se aqui como *verdade* a causa primeira que a originou, dando-lhe um *sentido primário*. Neste contexto, a psicanálise, utilizando-se da etimologia, chega à verdade do analisando através da análise das verdades das palavras de que este se utiliza. Segundo Luiz Alfredo Garcia-Roza, para a psicanálise “a verdade fundamental é a verdade do desejo” (GARCIA-ROZA, 1990, p. 7). Acrescenta ainda que “no entanto, os fatos do nosso cotidiano não nos remetem diretamente a ela, não nos oferecem essa verdade já pronta, mas dissimulada porque distorcida”. Dentro deste universo conceitual, ele entende que “*a verdade é um enigma a ser decifrado e a psicanálise constitui-se como teoria e técnica do deciframento*” (grifo nosso). Estamos, portanto, no terreno do deciframento, de uma arqueologia em busca da verdade. Arqueologia e deciframento, como sabemos, são dois elementos essenciais ao universo da etimologia. O conceito de verdade, segundo Charles Hanly, “é o fundamento sobre o qual deve repousar o método em psicanálise aplicada ou clínica” e “é a assunção que jaz por trás de todas as outras assunções sobre a teoria e a observação psicanalíticas” (HANLY, 1995, p. 17).

O *labor etimológico* é produto direto da pulsão epistemofílica, cuja origem a psicanálise já identificou como habitando o universo da pulsão sexual. Quando um sujeito interrompe seu discurso à procura da palavra exata para expressar seu pensamento, está dando lugar a uma manifestação da ordem etimológica, pois busca a forma de expressão precisa da ideia que deseja exprimir: Busca a verdade exata de sua mensagem. Os filólogos fazem menção a um *saber inconsciente*, que todo locutor possui de sua língua e da natureza da linguagem. É este saber inconsciente que, no nosso entender, produz discursos centrados em palavras de cujos significados o falante não possui conhecimento. O sujeito não sabe o que sabe, pois não conhece o conteúdo de seu inconsciente. Consequentemente, não sabe exatamente o que fala. Quando se põe a buscar a palavra exata para expressar aquilo que sente, mas não entende, ele, na realidade, está em pleno *labor etimológico*, pois está em busca da sua verdade, da raiz daquilo que sente. Este é o mister da etimologia: buscar a verdade, buscar a raiz, buscar a origem. Porque não sabemos o que sabemos é que podemos utilizar a etimologia como uma ferramenta de busca a auscultar o inconsciente:



Para fins psicanalíticos, a etimologia exerce a função de servir como uma chave de busca/investigação. Não se trata de dar-lhe uma função original, considerando-se os milênios em que a etimologia tem sido utilizada. Ser uma chave de interpretação já era uma de suas funções na Grécia Clássica, onde era empregada também como uma chave de leitura que permitia ao intérprete um maior mergulho significativo no texto em estudo:

Conhecer as etimologias dava ‘melhores’ chaves de leitura quando a obscuridade do texto estava além da superfície da língua, ou seja, além do nível dos significantes e da sintaxe. Ao conhecedor das relações semânticas entre as palavras atribuiu-se sempre o epíteto de sábio, pois que esse era capaz de ‘desvelar’ sentidos aparentemente não ligados entre si (GARCIA PINTO, 2008, p. 83).

“Desvelar sentidos aparentemente não ligados entre si.” Não é precisamente esta uma preocupação psicanalítica? O estudo do *étymos* é um condutor que permite chegar aos conteúdos daquilo que Freud chamou de herança filogenética, que seria recebida pelo sujeito biologicamente. Esta herança filogenética seria a síntese dos conhecimentos e experiências progressas do homem. Ao discutir os aspectos arcaicos presentes na atividade onírica, no texto *Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos*, Freud se pergunta:

Conseguiremos distinguir qual parte dos processos mentais latentes deriva do período pré-histórico do indivíduo, e qual a parte proveniente da pré-história filogenética? Penso não ser impossível consegui-lo. A mim, por exemplo, parece-me que as conexões simbólicas que o indivíduo jamais adquiriu por aprendizado, podem, com razão, exigir serem consideradas como herança filogenética (FREUD, 1916, p. 239).

Conforme Freud define em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, “as palavras são substitutas das ações e, em alguns casos (por exemplo, na confissão) as únicas substitutas”. Esta reflexão evidencia a importância de entender-se em profundidade o significado da palavra utilizada na fala do paciente. Afirmar que as palavras são substitutas das ações significa dar-lhes status essencial. Conhecendo-se em profundidade o significado das palavras escolhidas pelo sujeito analisando mais perto estaremos da verdade de seu discurso.

O caso do Senhor C. é uma ilustração de como a etimologia pode ser utilizada na análise do discurso do paciente. O Senhor C., quando este registro foi recolhido, se encontrava em um momento de sua análise em que sua fala estava centrada na construção de sua masculinidade. “Construir-me como homem” era como ele se referia à questão. Como já mencionamos, ele tinha o hábito de utilizar recorrentemente a palavra *assertivo*. Chegou mesmo a afirmar que esta era uma palavra muito importante para ele. A primeira impressão havia sido de que o Senhor C. empregava a palavra significando algo da ordem do correto ou do certo, àquilo que estaria ligado a acerto. A entonação que utilizava enfatizava a importância que dava à palavra quando a utilizava. Uma consulta ao clássico *Novo dicionário da língua portuguesa* de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975, p. 148) indicou a palavra *assertivo* como oriunda da forma latina *assertu* e cujo significado atual é ‘*que contém asserto*’. *Asserto* é uma proposição afirmativa ou uma asserção assertiva. Entendemos, então, que a palavra reiteradamente utilizada expressava um sentido muito mais amplo e muito mais profundo do que o próprio paciente supunha...

O Senhor C. foi criado em um contexto familiar que produziu forte influência de sua mãe sobre ele. “Eu nunca vou deixá-lo sofrer”, sua mãe havia lhe dito por volta dos sete ou oito anos de idade, período em que seu pai mais e mais se afastava dele em uma nítida preferência por seu único irmão. A adolescência do Senhor C. foi fortemente marcada pelo desejo de afastar-se da influência de sua mãe. Ansiava por uma liberdade que morar com os pais não lhe permitia desfrutar. Relatou sentir-se “menor” frente a outros homens, inibido em sua fala e incapaz de enfrentá-los. O paciente entendia *ser assertivo* como sinônimo de *ser firme* ou *ser contundente*. Várias vezes afirmou que gostaria de ser mais assertivo com seu filho adolescente. A etimologia da palavra *assertivo* permitiu entender com maior clareza o que sinalizava. Ficou claro que ele havia associado esta palavra à ideia de *liberdade* e ao desejo de ser capaz de *emitir e sustentar sua opinião perante outrem*, exatamente em linha com a explicação dicionarística do vocábulo. *Assertivo* tem como raiz *asserto*, o particípio passado da forma latina *adsertus* (asserir). O quase esquecido verbo *asserir* significa especificamente *declarar* ou *expor opinião, sustentando-a e defendendo-a*. O verbo *assertar*, por sua vez, também é derivado de *asserto*, palavra que gerou *assertor*. O *assertor* é um sinônimo de *asseverador*, que é a pessoa que emite uma opinião e a defende e sustenta. “Teve o significado jurídico de pessoa que, perante o juiz, afirmava que uma pessoa era de condição livre ou escrava”, diz Francisco da Silveira Bueno em seu clássico *Dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa* (1963, p. 388). Para o Senhor C.,

ser assertivo significa, primeiramente, ter uma fala, ser detentor de um discurso face ao *ethos* familiar e, por extensão, face à *communitá*. A análise etimológica permitiu ampliar e aprofundar a compreensão dos significados subjacentes aos significantes de seu discurso.

Mesmo considerada fora do contexto do *setting* analítico propriamente dito, a etimologia continua a fornecer ao analista um contraponto significativo de grande importância. Um exemplo claro pode ser percebido em uma fala do emitente psicanalista argentino Juan-David Nasio em fala proferida em conferência virtual (NASIO, 2009). Nasio considera que há momentos no processo analítico nos quais o analista deve exercer o papel de *educador*. À primeira vista, esta interpretação pode ser confundida com o papel de professor, mas entendemos que não deva ser assim. A razão de assim pensarmos deve-se ao fato de que a essência significativa da palavra *professor* ser a de *professar*. Este verbo surge da raiz indo-europeia *bha* que tem o sentido de *falar*. Logo, a função do professor é a de “proclamar uma opinião ou um saber determinado” (CASTELO e MÁRSICO, 2007, p. 24). Aceitar que a função do analista pode achar-se em uma interseção com a função do professor significa conferir àquela a função que Jacques Lacan chamou de *sujeito suposto saber*. Naturalmente, esta possibilidade deve ser prontamente descartada. Entendemos que o *educador* a que se refere Nasio é aquele que nasce da etimologia do verbo *educar*. Educar provém da forma latina *educere* que é composta de *ex* e *duc* e que, portanto, surpreendentemente significa *fazer sair* ou *tirar para fora*. A etimologia do verbo educar projeta um fecho de luz sobre a função do educador e mesmo sobre a função do analista. Ela nos remete ao texto que Freud escreveu em 1904 para pronunciar como uma conferência e que batizou de *Sobre a psicoterapia* (Über Psychotherapie). Neste texto Freud faz a clássica comparação entre a Psicanálise e as técnicas classificadas por Leonardo da Vinci como *per via de porre* e de *per via de levare*. Resumindo a comparação, Freud também atribui à Psicanálise a função de *tirar/trazer para fora*.

Aceitando-se que a ontogênese repete a filogênese, saber qual o sentido primeiro ou mais antigo de um determinado vocábulo tem relevante importância porque o sentido primeiro estaria perpetuado no inconsciente coletivo e, por extensão, no inconsciente individual do homem moderno ou, na fala já famosa de Giles Lipovetsky, do homem hipermoderno. Desta forma, a etimologia permite uma análise em retrospectiva das acepções de uma palavra e aponta o sentido sobre o qual os povos primitivos ou os povos antigos cunharam determinado vocábulo. O *Dicionário internacional da psicanálise* (2005, p. 1418) corrobora com esta linha de raciocínio quando nos mostra que “o termo primi-

tivo não remete para a noção de origem, mas para uma descrição antropológica ou histórica de fatos da cultura (mito, religião, lenda) ou de maneiras de pensar que permanecem no estado inconsciente no homem civilizado moderno”. Isto é importante para psicanálise na medida em que, segundo o mesmo dicionário, “a noção de primitividade ocupa um lugar central no pensamento de Freud. Ela é, no nível coletivo, o equivalente do infantil no nível individual”.

O obstáculo principal para que a etimologia forneça à psicanálise a ferramenta para esta viagem em retrospectiva à produção linguística humana são os limites impostos pela ciência da Linguística. No caso da língua portuguesa, este limite extremo geralmente é o latim ou grego, mas há autores que conseguem conduzir suas pesquisas até ao sânscrito.

O prazer etimológico a que Freud se refere pode permanecer como um mistério ou não. Uma possibilidade interpretativa pode ser o fato de que a etimologia lhe servia como uma chave de acesso ao inconsciente de seus pacientes, proporcionando-lhe, portanto, o prazer a que se refere. Como é comum em vários outros eventos ao longo de toda a sua obra, Freud não se preocupa em explicar em detalhes este prazer. Talvez este seja o próprio sentido daquilo que ele chama de “palavra primitiva”. É possível que esta seja a razão pela qual Jacques Lacan andava por Paris para cima e para baixo com um dicionário etimológico embaixo do braço. Aquele que leu Freud utilizava a mesma ferramenta hermenêutica empregada por seu Mestre...

**Lenilson Ferreira**

e-mail: professorlenilsonferreira@gmail.com

#### **Tramitação:**

Recebido em 29/05/2011

Aprovado em 29/04/2012

#### **Referências**

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Saraiva: São Paulo, 1963.

CASTELO, Luís A., MÁRCISO, Cláudia T. *Oculto nas palavras: dicionário para ensinar e aprender*. Autêntica Editora Ltda: Belo Horizonte, 2007.

DE MIJOLLA, Alain (Dir.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

- FERREIRA, Lenilson. *Etimologia: chave da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Deescubra, 2010.
- FREUD, Sigmund (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB,1).
- FREUD, Sigmund (1908). *Caráter e erotismo anal*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB,9).
- FREUD, Sigmund (1916). *Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB,15).
- GARCIA PINTO, Luciano C. *Do que se confia às letras: a ciência gramatical nas Etimologias de Isidoro de Servilha*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1990.
- HANLY, Charles. *O problema da verdade na psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago: Rio de Janeiro, 1976.
- HERZOG, Regina. *Psicanálise e verdade*. On-line. Disponível em: < <http://www.infocien.org/Interface>>. Acesso em: 25 mar. 2011.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1975.
- NASIO, Juan-David. *Como trabalha um analista?* Conferência Virtual. Organizada pelo Centro de Estudos Psicanalíticos. São Paulo, 04 abril 2009.
- SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras*. 14ª Ed. A Girafa Editora: São Paulo, 2004.
- SILVEIRA, Nise. *Jung vida e obra*. 14ª Ed. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1994.
- ZIMERMAN, David. *Bion da teoria à prática*. 2. ed. Artmed: Porto Alegre, 2004.